

ANÁLISE DO PRÉDIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA SOB A ÓTICA DA SEMIÓTICA ESPACIAL

Erick Kader CALLEGARO

Universidade Federal de Santa Maria

Noara Bolzan MARTINS

Universidade Federal de Santa Maria

Carla Callegaro Corrêa KADER

Instituto Federal Farroupilha

Resumo: É evidente que não apenas nos comunicamos através do modo verbal da linguagem: criamos significados com os vários contextos sociais em que nos engajamos através de outros modos semióticos. Imagens, sons, construções civis são outras possibilidades com potencial para expressar significados que construímos. Para tanto, estudos semióticos foram expandidos por Kress (1998), Kress e Van Leeuwen (2008), Ravelli (2006), entre outros, e a noção de texto é estendida, sendo um produto de escolhas sócio-semióticas que expressam sentido. O presente trabalho objetivou analisar o prédio da reitoria do campus da Universidade Federal de Santa Maria, com o intuito de dar possíveis interpretações quanto às escolhas geossemióticas feitas para o edifício em questão. Categorias de análise como Poder, Envolvimento, Contato, Modalidade e Distância Social foram aplicadas, sempre em consonância com as influências do movimento modernista em voga na época da construção da reitoria. O prédio da reitoria é o mais alto, possui janelas somente na sua lateralidade (são espelhadas e/ou protegidas por brises metálicos ou cobogós), disposto numa distância grande da entrada do campus, seu acesso não é frontal e sim lateral e os trajetos que o usuário deve percorrer para entrar no prédio são longos. Essas escolhas refletem as preferências arquitetônicas dos arquitetos modernistas: separação funcional dos espaços, hierarquia funcional e viária, predileção por formas puras, edificações funcionais e sem adornos.

Palavras-chave: Semiótica Espacial. Reitoria. Gramática Sistêmico-Funcional.

AN ANALYSIS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA'S RECTOR'S BUILDING THROUGH SPATIAL SEMIOTICS

Abstract: It is evident nowadays that we not only communicate through the verbal mode of language: we create meanings with various social contexts in which we engage with through other semiotic modes. Images, sounds, sites are other possibilities with a potential to express meaning. Thus, Kress (1998), Kress and Van Leeuwen (2008), Ravelli (2006) extended semiotic studies, amongst others, and the notion of text is extended, being a social product constructed through social-semiotic choices that expresses meaning. The present paper aims to analyze the Rector's Building of the Federal University of Santa Maria, giving possible interpretation as to the space geo-semiotic choices made to the building. Analytical categories as Power, Involvement, Contact, Modality and Social Distance were applied, being related to the social context in which the building's construction took place. The Rector's Building is the tallest and has windows only on its sides (mirrored and/or protect by metallic brises or cobogós). The building was built as the farthest site in relation to the university entrance. Its access is not frontal but lateral e the paths that any user must walk/drive are long. Such choices reflect the architectural preferences of modernist architects: functional division of spaces, functional and road hierarchy, preference of pure forms, functional buildings without any decoration.

Keywords: Spatial semiotic. Rector's Building. Systemic-Functional Grammar.

ANÁLISIS DEL PRÉDIO DE LA RECTORÍA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SANTA MARIA BAJO LA ÓPTICA DE LA SEMIÓTICA ESPACIAL

Resúmen: Claro está que no solo nos comunicamos por medio del modo verbal del lenguaje: creamos significados con los diversos contextos sociales en que estemos involucrados por medio de otros modos semióticos. Imágenes, sonidos y construcciones civiles son otras posibilidades con potencial para expresar los significados que construimos. Así que, estudios semióticos fueron expandidos por Kress (1998), Kress e Van Leeuwen (2008), Ravelli (2006), entre otros, y la noción de texto fue extendida, al hacerse un producto de elecciones socio-semióticas que expresan sentido. El presente trabajo tuvo por objetivo realizar un análisis del predio de la rectoría del campus de la Universidad Federal de Santa Maria, con el fin de dar posibles interpretaciones cuanto a las elecciones geo-semióticas realizadas para el edificio de que se trate. Categorías de análisis como Poder, Involucramiento, Contacto, Modalidad y Distancia Social fueron aplicadas, siempre en consonancia con las influencias del movimiento modernista en boga a la época de la construcción de la rectoría. El predio de la rectoría es el más alto, con ventanas solamente en su lateralidad (con vidrio espejo y/o protegidas por parteluces metálicos o elementos vaciados que permiten la entrada de luz y aire, popularmente dichos "cobogós"). Está distantemente ubicado de la entrada del campus, con

acceso no frontal sino lateral y, para que se pueda accederlo, es necesario que se recorra un largo trayecto. Tales elecciones reflejan las preferencias arquitectónicas de los arquitectos modernistas: separación funcional de los espacios, jerarquía funcional y vial, predilección por formas puras, edificaciones funcionales y sin adornos.

Palabras-clave: Semiótica Espacial. Rectoría. Gramática Sistémico Funcional.

INTRODUÇÃO

De acordo com Kress (1997), não só produzimos significados com as várias realidades que nos circundam e as materializamos na forma linguística, ou seja, verbal. Quando a língua não dá conta de realizar o objetivo comunicacional em que nos engajamos, utilizamo-nos de outros modos semióticos, não verbais como imagens, sons, cheiros, espaços, e o autor chama tal fenômeno de funcionalização funcional. Kress (1997, p.12) afirma que:

modos semióticos têm diferentes potenciais de modo que abarcam diferentes tipos de possibilidades de expressão humana e engajamento com o mundo, e através desse engajamento diferencial com o mundo, novas possibilidades de desenvolvimento

Com o presente trabalho, objetivamos aplicar as categorias de análise de espaços 3D em relação aos sentidos construídos e organizados através da metafunção interacional, para o prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Maria. Desejamos também, expandir os estudos em análise multimodal que muitas vezes se limitam às análises de linguagem verbal. Não há muitos trabalhos desse tipo em âmbito brasileiro e é muitas vezes desconhecido por professor de escolas tanto de ensino médio quanto fundamental. Tais preceitos carregam consigo um potencial analítico extenso que deveria ser trazido para a escola, no intuito de desmitificar a limitação das disciplinas de língua portuguesa, cristalizadas, muitas vezes, na forma de aprendizado de normas da língua padrão.

A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Elencamos a Gramática Sistémico-Funcional (HALLIDAY E MATHIESSEN: 2004) como arcabouço teórico-analítico para a feitura do presente artigo porque ela surge a partir da tentativa do professor M.A.K. Halliday, de associar os textos que produzimos a elementos não-linguísticos, isto é, aqueles de origem contextual. Foi denominada sistêmica, pois, cada oração

(ou texto), que produzimos, torna-se produto de escolhas linguísticas não-arbitrárias, no qual jazem sob um paradigma semântico de outras escolhas linguísticas que poderiam ter sido elencadas. É funcional, pois associa as escolhas semânticas às funções sociais que a linguagem oferece. É o que Halliday (1994: 17), na segunda edição da GSF, afirma sobre a gramática e os significados que produzimos: “A relação entre significado e fraseado não é [...] arbitrária; a forma gramatical se relaciona naturalmente com os significados que codifica [...]”.

A GSF considera a linguagem como um sistema sócio-semiótico, a não-arbitrariedade das escolhas linguísticas estão intrinsecamente associados aos contextos do ato comunicativo. Logo, Halliday (HALLIDAY: 1994; HALLIDAY E MATTHIESSEN: 2004), em seus estudos sobre a relação entre linguagem e contexto, buscou nas pesquisas do antropólogo Mallinowsky como, de fato, elementos de natureza não linguística interferem na escolha de potenciais significados que a língua, enquanto sistema, oferece aos falantes.

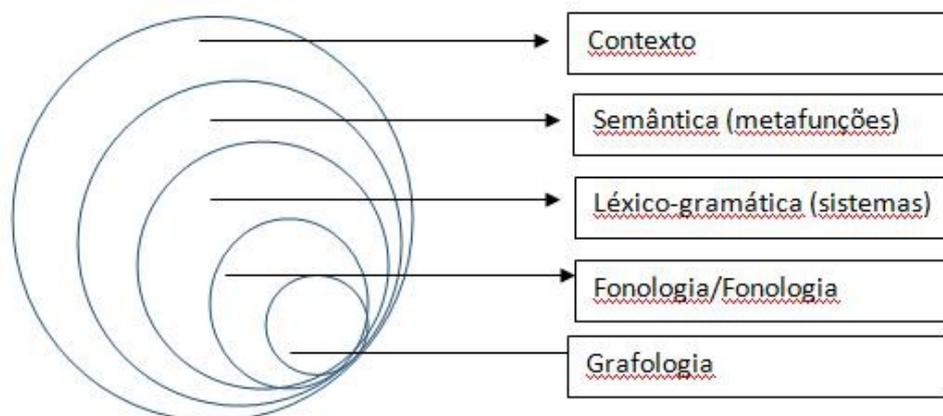


Figura 1 - Figura adaptada do livro An Introduction to Functional Grammar de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25)

Portanto, texto é uma unidade semântica mínima, que é ao mesmo tempo um produto e um processo. É um produto, pois é resultado final de escolhas linguísticas e é processo, pois, sob o texto, existe um sistema de significados potenciais que poderiam ter sido escolhidos, porém, não os foram devido ao seu contexto de cultura e situação. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que ambos contextos delineiam nossa produção de significados, portanto, afirma que a linguagem é composta por estratos, conforme a figura anterior.

Halliday chama de realização a relação que os estratos possuem entre si. Os significados produzidos pelas variáveis do contexto são realizados por três metafunções no nível semântico: a metafunção ideacional (campo), a metafunção interpessoal (relações) e a metafunção textual (modo). Conforme Vivan (2010), em nível léxico-gramatical, a linguagem consegue manipular esses três tipos de significados, isto é, a codificação das três metafunções: o sistema de transitividade (ideacional), o sistema de modo (interpessoal) e o sistema temático (textual). Logo, em cada oração que produzimos, realizamos três tipos de significados: aqueles que representam nossa experiência, aqueles que codificam a maneira que nos relacionamos com as pessoas e aqueles que organizam o conteúdo das nossas orações de forma coerente.

Como o presente trabalho objetiva analisar as categorias da metafunção interacional, advinda da metafunção interpessoal, a seção a seguir irá explicitar quais são as categorias de análise sócio-semiótica que iremos nos focar ao longo do trabalho.

SEMIÓTICA ESPACIAL SOB O VIÉS DA METAFUNÇÃO INTERACIONAL

Os estudos hallidayanos foram construídos, primariamente, para a análise de texto de origem verbal. Kress e Van Leeuwen (2008) e Van Leeuwen (2006) estenderam a noção de texto da GSF, afirmando que não só construímos sentidos através da construções verbais, mas, também, com textos de natureza não verbal, como imagens e espaços 3D. MacLeod apud Ravelli (2005, p. 13)) afirma que espaços 3D também podem ser considerados textos, pois são “produtos socioculturais, continuamente (re)produzidos pelo uso”.

A modalidade semiótica de espaços 3D, assim como as construções de sentido através de textos verbais, seguem a hipótese das três metafunções hallidayanas e ocorrem concomitantemente na interação. O presente trabalho se foca na metafunção interacional, oriunda da metafunção interpessoal de Halliday (1994). Em análises imagéticas, ao nos determos nos significados interacionais produzidos pelo produtor da imagem, detemo-nos nas relações que são construídas entre os participantes do próprio objeto semiótico (imagem) e, também, entre o próprio objeto e aqueles que o visualizam. (KRESS E VAN LEEUWEN, 2008).

Em espaços 3D, Ravelli (2006) nos dá alguns direcionamentos em formas de questões para percebermos, analiticamente, como se materializam as escolhas interacionais daqueles que produziram os espaços em análise: quem são os donos constitucionais e os usuários do prédio em questão, quais são os papéis sociais que o próprio espaço dá aos seus usuários e como esses se sentem na área desse espaço.

Para que cheguemos a hipóteses interpretativas sobre as motivações das escolhas geossemióticas, iremos explicitar cinco categorias analíticas, segundo Ravelli (2006) e Ravelli e Stenglin (2008): Distância Social, Poder, Envolvimento, Contato e Modalidade.

Quando falamos em Distância Social, temos de levar em conta um ponto de visão, isto é, a posição em que o usuário se encontra em relação ao espaço em análise, pois sua realização no espaço é a distância espacial, que pode variar de pessoal, íntima, quando a distância é curta, ou impessoal e mais formal, quando a distância entre a posição inicial do usuário e do espaço é grande. Outra realização dessa categoria são elementos arquitetônicos que separam ou distanciam o usuário do prédio como grades, tanto concretas quanto vivas, e até mesmos espaços que devem ser atravessados para se chegar ao espaço desejado.

A categoria de Poder é realizada tanto sob um eixo vertical quanto horizontal, ou seja, quanto maior o prédio em relação a outros, mais o espaço em questão denota poder. Essa categoria é realizada pelo número de andares de um prédio e, também, por sua largura, pois “dá ao prédio uma presença horizontal no campo de visão” (RAVELLI E STENGLIN: 2008, p. 360) e lhe denota poder em relação a outros que são horizontalmente menores.

Em relação ao ângulo horizontal que o prédio se encontra em relação a outros prédios, dispostos segundo o projeto piloto do espaço e a posição de suas entradas para os usuários utilizarem, utilizamos a categoria de Envolvimento. Quando o ângulo do prédio em relação à entrada do espaço em que ele se encontra é frontal, há um maior envolvimento com os seus usuários e, quando o ângulo do prédio é oblíquo, denota menos envolvimento e maior distância social. A realização dessa categoria se dá, logo, pela disposição angular do prédio em

relação à entrada principal do espaço e as entradas, tanto diretas quanto indiretas, que os usuários utilizam.

Quanto ao engajamento do usuário em relação ao prédio em si, Ravelli e Stenglin (2008) chamam de Contato: materializa-se pelo número de janelas, as suas posições e se o usuário consegue ou não enxergar através delas.

E por último, a categoria Modalidade diz respeito quão “real” um prédio pode ser em contraste com as convenções arquitetônicas do contexto histórico e social no qual fora construído.

METODOLOGIA

Com o presente trabalho, intentamos analisar o prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Maria de acordo com as categorias analíticas da Semiótica Espacial. Devemos, primeiramente, falar sobre o *corpus* em questão. As áreas que serão analisadas são as seguintes: o prédio da reitoria em relação aos outros prédios do campus da UFSM e o prédio da reitoria em si, de acordo com a relação que os espaços constroem com os seus usuários nas categorias analíticas da metafunção interacional, conforme Raveli (2006) e Raveli e Stenglin (2008) Em relação às primeiras categorias, analisarei a disposição do prédio em relação aos outros prédios universitários, se foi construída em um lugar de destaque ou não. As outras categorias, como já referidas no referencial teórico, são das de Distância Social, Poder, Envolvimento, Contato e Modalidade. Após essa etapa, tentarei interpretar algumas motivações sociais que impulsionaram as escolhas geosemióticas do prédio da reitoria em relação ao contexto social da ditadura militar que iniciou em 1964, época em que o campus universitário estava em pleno planejamento e construção.

De acordo com o plano piloto aprovado para a construção do campus, produzido por Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, o prédio da reitoria é um dos constituintes da praça cívica, espaço do setor administrativo. Porém, o início da construção do prédio da reitoria da UFSM foi no ano de 1973 devido às interferências e à grande movimentação política da Ditadura Militar. Segundo Zampieri (2011), os lados frontal e traseiro quase não possuem

janelas, apenas uma janela, no lado frontal, que cobre a sala do reitor e o departamento de pós-graduação da universidade. Seus lados laterais são revestidos por janelas: no lado direito, janelas com brises metálico e cobogós de concreto e do lado esquerdo quase todo envidraçado. Quanto à localização o prédio da reitoria, este foi posicionado como o último prédio do campus e é o único prédio com tamanho vertical superior a qualquer outra edificação universitária: enquanto os outros variam entre um e cinco andares, a reitoria possui nove andares. Paralelamente a esse espaço, existem duas outras construções, dois prédios de apoio (COPERVES e Centro de Processamento de Dados) a sua esquerda.

ANÁLISE

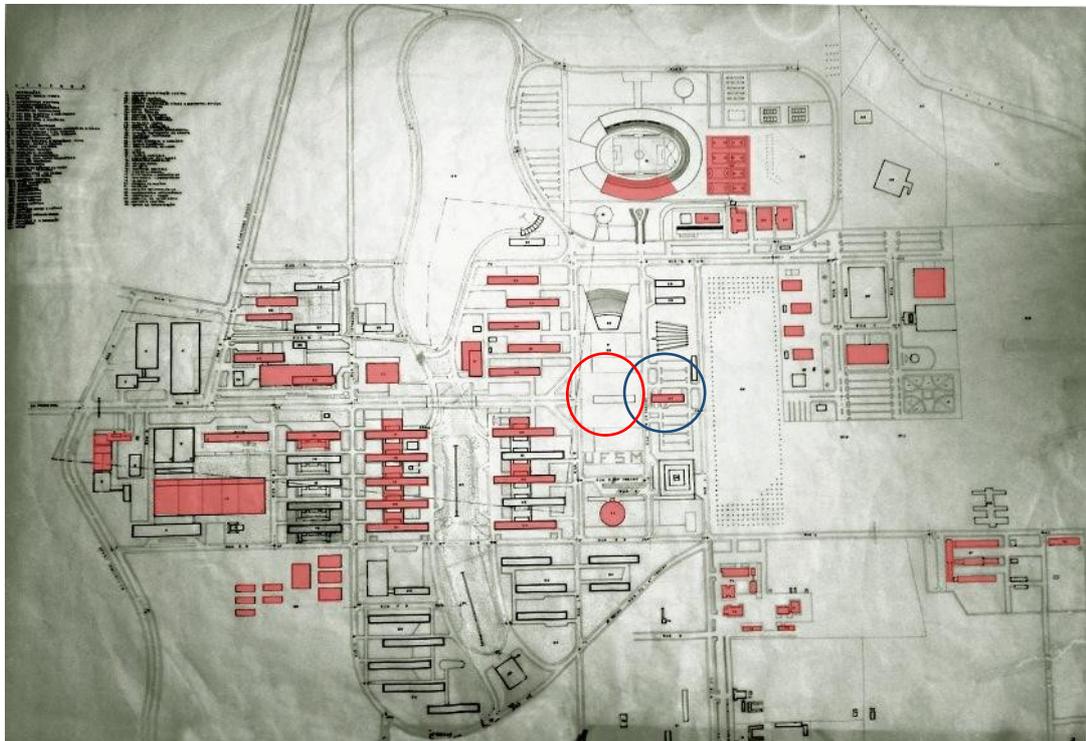


Figura retirada de Zampieri (2011: 176)

A imagem acima mostra a posição de cada prédio do campus da Universidade Federal de Santa Maria. As edificações em vermelho foram aquelas que seguiram o plano piloto original aprovado em 1966. Porém, o que analisamos nela é a posição na qual o prédio da

reitoria fora construído. Analisemos a planta do prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria (I)

O prédio da reitoria, demarcado por um círculo azul, fora construída na parte leste do campus, no bairro Camobi. Como se pode observar, a maioria dos prédios foram construídos em relação a Avenida Roraima e foram dispostos, em relação as suas entradas, no sentido norte-sul, enquanto a Reitoria está no sentido leste-oeste. Parece um equívoco, pois o prédio em análise possui entradas laterais e não frontais. Entretanto, considero sua posição leste-oeste porque em sua frontalidade, foi posta uma única janela (sala onde trabalha o reitor da universidade) que dá ao reitor uma visão geral de quase todos os prédios construídos na Avenida Roraima no campus. Entraremos em mais detalhes sobre janelas mais abaixo.



Fonte: www.google.com.br

O fato de deter o poder de visão de quase todo o campus interfere na categoria de Distância Social. Se pensarmos no começo da Avenida Roraima como ponto de inicial de análise, a Reitoria é quase um dos últimos prédios, portanto, o usuário deve se locomover numa considerável distância para chegar ao prédio. Outro elemento que interfere, demarcada por um círculo vermelho, é a Praça das Nações. Se o usuário for de carro, terá de circular a

Praça para chegar no prédio da Reitoria ou se ele estiver andando, ele poderá atravessar a Praça, porém, não há demarcação de um caminho oficial, conforme a figura anterior (II):

Logo, as escolhas espaciais do prédio da reitoria com o seu usuário demonstram uma Distância Social alta, por ser construída longe da entrada e ainda ter a Praça das Nações como um obstáculo e a ausência de um trajeto oficial para se chegar.

O prédio da reitoria é aquele que possui o maior número de andares, conforme figura (III):



Fonte: www.google.com.br

Por totalizar 9 andares, é considerado o prédio de maior tamanho vertical, o que lhe denota superioridade em relação aos outros prédios. Na categoria de Poder, a Reitoria é o prédio que mais se destaca em altura, caracterizando-o como a edificação mais importante do campus.

Quanto aos caminhos que os usuários devem percorrer para chegarem a reitoria, utilizamos a categoria de Envolvimento. Como já mencionado acima, sua posição, em relação à entrada do campus, é longínqua e os trajetos que se devem percorrer não são diretos (é necessário dar a volta na Praça das Nações). Ademais, o prédio não possui entrada em sua parte frontal, apenas em suas laterais, conforme a figura abaixo. O usuário deve contornar, para ambos lados esquerdo e direito, para chegar ao prédio, conforme figura abaixo (IV)



Fonte: www.google.com.br

Pelos trajetos não diretos, as entradas laterais e a distância entre a entrada do campus, as escolhas geossemióticas feitas para a Reitoria parecem não denotar grande investimento com os seus usuários na questão Envolvimento. Corroborando com o baixo Envolvimento, o fato de que a entrada do prédio se encontra na sua lateralidade, portanto, produz um ângulo oblíquo em direção à entrada principal do campus.

Na categoria de Contato, o prédio fora construído apenas com janelas laterais e uma janela frontal (VI) (VII):



Fonte: www.google.com.br



Fonte: www.google.com.br

Se tomarmos como ponto inicial de análise a parte frontal da Reitoria, seu lado direito (primeira figura), é revestida com cobogós e brises metálicos. Em seu lado esquerdo, as janelas são espelhadas. A escolha da posição das janelas demonstra que o prédio da reitoria parece não incitar um engajamento de alto nível interpessoal do seu usuário, pois não é possível ver através delas por causa do espelhamento, cobogós e brises metálicos. Também, o prédio possui apenas uma janela frontal cuja disposição e material de revestimento dificulta qualquer tentativa de visão do usuário.

O prédio da reitoria, em relação à categoria de Modalidade, aproxima-se bastante de um prédio convencional, de acordo com o contexto social da arquitetura moderna brasileira e o conceito de edifício. Segundo Mila (1987), edifícios são construções cívicas que abrigam várias atividades humanas e existem vários tipos, como: habitacional, cultural, de serviços, etc. Já em relação à arquitetura moderna pregava o funcionalismo de suas construções acima do uso demasiado de ornamentos arquitetônico, considerados superficiais e supérfluos (Zampieri, 2011). O prédio em questão vem ao encontro desses dois conceitos: é uma construção civil que abarca a atividade humana de administração universitária e também não possui muitos ornamentos, seguindo a linha arquitetônica funcionalista. Portanto, as escolhas geossemióticas feitas para a realização do prédio não foram modalizadas, isto é, o usuário consegue reconhecer a construção civil como um prédio.

CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

Para que chegássemos a uma possível interpretação das escolhas geossemióticas feitas para a construção do prédio da Reitoria, devemos explicitar qual movimento estava em voga na época em que o plano piloto fora desenhado. Em 1952, o movimento Modernista, advindo da Europa, ganha força no Brasil e influencia várias áreas de conhecimento, especialmente à Arquitetura. Arquitetos como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, influenciados por Le Corbusier, arquiteto suíço, engajaram-se na arquitetura moderna que pregava o funcionalismo e as formas puras em construções civis acima da demasiada ornamentação, para que se pudesse atender às necessidades dos usuários nos espaços.

Conforme a dissertação de mestrado de Zampieri (2001), que analisou o campus da UFSM e quais caminhos arquitetônicos que parece seguir, Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti, responsáveis pelo projeto piloto, também utilizaram-se dos ideais modernistas para o campus, conseqüentemente, para o prédio da reitoria. Zampieri (2001, p. 99) explicita que:

O projeto já apresentava os conceitos que depois seriam consolidados no *campus* da USM. As edificações eram organizadas em um espaço único, a partir de princípios do urbanismo moderno, já adotados por Le Corbusier em Chandigarh, por Lucio Costa em Brasília, e por ambos nas propostas para a Universidade do Brasil. O projeto baseava-se em um zoneamento de funções; a abolição do parcelamento do solo; hierarquia viária; a adoção do parque como base para a construção das edificações; edificações com expressão plástica de composição a partir de sólidos prismáticos; e a aparência de monumentalidade a partir do afastamento das edificações, de uma caixa viária ampla e de outros artifícios comuns ao tema.

O prédio da reitoria simboliza o poder máximo de administração do campus, pois lá se encontram o gabinete do reitor, departamentos como DERCA (Departamento de Registro e Controle Acadêmico), departamento geral dos cursos de pós-graduação e graduação e etc. Pelo fato de ser planejado por arquitetos que seguiam ideais modernistas, o prédio da reitoria fora construído de forma a se destacar no campus da UFSM. A característica de hierarquia viária e afastamento de edificações materializam-se na posição que fica o prédio da reitoria (distância social), janela que dá ao reitor visão de quase todo o campus (contato e

envolvimento) e pelos trajetos que o usuário deve usar até chegar ao prédio: esses são longos e por serem mais complexos que os demais, denotam, novamente, à Reitoria um lugar de destaque no campus.

Também, o tamanho da reitoria denota ao prédio monumentalidade, pelo seu tamanho (poder) e sua função para toda a universidade. Seu formato como um prédio “real” (modalidade) também segue a questão modernista pela preferência de formas puras e sólidos prismáticos e materializa-se na forma retangular reta do prédio, sem adornos e preferencialmente funcional.

CONCLUSÃO SOBRE A ANÁLISE GEOSSEMIÓTICA COMO FORMA DE MULTILETRAMENTO

Como mencionado na introdução deste trabalho, nós não apenas recorremos à linguagem verbal para fins comunicativos. Pesquisas como as de Jewitt (2008), Kress e Van Leeuwen (2008) e Nascimento, Bezerra e Herbele (2011) afirmam que outros modos semióticos, como o visual e espacial, também se interrelacionam com textos e são capazes de ser analisados, através do viés da Gramática Sistêmico-Funcional que considera a linguagem um sistema sócio-semiótico capaz de produzir significados potenciais contextualmente condicionados. Se pensarmos nas consequências do processo de globalização, novas formas de comunicação são criadas e novos meios de produção semiótica são estabelecidos.

Tais modos semióticos materializam-se na forma de novos gêneros discursivos, como o uso do *PowerPoint*, *Prezi*, propagandas impressas e televisas e, também, construções com arquitetura que refletem a proposta conceitual da empresa e refletem sobre as condições históricas e discursivas nas quais foram construídas. Tomemos os exemplos de Nascimento, Bezerra e Herbele (2011: 351):

em um mundo cada vez mais interconectado, passamos a interagir em uma gama mais ampla de práticas textuais (por exemplo, vídeos podem ser editados e postados na Internet, documentos podem ser enviados em intervalos de segundos ou compartilhados simultaneamente). Somos também assediados por novos gêneros textuais (por exemplo, blogs, anúncios *pop-up* e mensagem de incentivo em *PowerPoint*) e dispomos

de recursos tecnológicos que nos permitem optar mais facilmente entre modos de significar

Logo, o termo multiletramentos advém das novas condições sociais de um capitalismo global e as novas demandas do mercado de trabalho, abordando as mudanças interdependentes (1) no cenário comunicativo e o (2) que significa ser letrado em um ou outro modo semiótico. Num mundo onde a diversidade linguística penetra em várias esferas de atividade humana e dá origem a textos multimodais e novas representações, a abordagem do multiletramento é usada para desmitificar a velha agenda monomodal dos textos que são estudados dentro da sala de aula, isto é, “uma resposta a reforma dos limites do letramento através de condições de globalização atuais e como uma teoria política e social para o redesenhar [da agenda educacional]” (JEWITT, 2008, p. 245)

Contudo, os estudos sobre a variação de modos semióticos e a abordagem do multiletramento são focados, principalmente, em análise de imagens via Gramática do Design Visual. O foco deste trabalho é a semiótica espacial ou geossemiótica, cujos objetos de estudo são espaços 3D: prédios comerciais, governamentais e institucionais, museus, parques, etc, que foram produzidos pelo homem e são capazes de emanar significados a partir dos contextos nos quais foram construídos. Os trabalhos da semiótica espacial aplicados são quase inexistentes; portanto, iremos sugerir uma forma de aplicação deste estudo para fins pedagógicos. Como não é o objetivo central do trabalho sua aplicação em sala de aula, iremos nos focar apenas em materiais que podem ser usados como objeto de análise e algumas categorias geossemióticas adaptadas para o ensino.

Primeiramente, o professor deve estender a noção de texto para com seus alunos: perguntar a eles que outras formas o ser humano consegue produzir significados. Para tanto, pode começar mostrando textos, o modo semiótico mais conhecido, para depois mostrar-lhes músicas, imagens e espaços 3D. Ao exemplificar a semiótica espacial em um prédio ou museu, sugerimos que o professor use duas imagens: a de um prédio comum e a de um prédio que fuja dos padrões semióticos espaciais comuns, principalmente no que tange a categoria de Modalidade. Através da comparação, o professor pode guiar os alunos numa pré-análise, perguntando qual prédio eles gostariam de trabalhar e por que; o que mais lhes chama

atenção; que tipos de significados o prédio tem para eles; que tipo de pessoas trabalham em cada prédio; qual a relação que as pessoas mantem nos dois prédios.



Fonte: www.officesnashots.com

Um prédio que foge dos padrões arquitetônicos corporativos, hoje em dia, é o escritório do *Google* em Mountain View na Califórnia, conformes as figuras (VIII), (IX) e (X).



Fonte: www.officesnapshots.com



Fonte: www.officesnapshots.com

Para analisar as imagens selecionadas, nossa sugestão segue com os significados interpessoais que emanam das escolhas arquitetônicas. Porém, quando objetivamos descrever o interior de um espaço 3D, em especial os andares que o compõe, O'Toole (2004) nos apresenta categorias de análise para melhor descrever o espaço em questão: altura, espacialidade, acessibilidade, vista, texturas duras ou macias, cor, conforto, sítios de poder e separação dos grupos de trabalho. Os significados interpessoais que emanam do escritório da Google parecem seguir novas tendências laborais, especialmente em relação a hierarquia e relação entre empregado e empregador. Por exemplo, no escritório do *Google*, os espaços são grandes, a altura do andar também é alta, as cores são neutras, normalmente brancas com texturas simples, dando liberdade para o funcionário percorrer a empresa. Em termos de conforto, o escritório do *Google* é conhecido por oferecer várias áreas de lazer para seus funcionários e em termos de local de trabalho, os escritórios, conforme as imagens, quase não possuem divisórias e se possuem, são transparentes. As relações de trabalho e a hierarquia parecem ser atenuadas pelas escolhas espaciais dentro dos andares do escritório. Não só o escritório do *Google*, mas também, de várias outras empresas como *Tumblr* e *Facebook* também fogem de padrões de prédios corporativos e também podem fazer parte do objeto de estudo em sala de aula.

O objetivo de expandir os estudos sobre o texto é, primeiramente, mostrar ao aluno as várias formas de produção de significado e que elas não se limitam apenas à linguagem verbal. O segundo motivo é tornar o aluno um sujeito crítico, pois, as escolhas semióticas para os espaços são condicionadas pelo contexto histórico e social de suas construções, logo, não são neutras e cabe o professor guiá-los entre a análise do objeto de estudo e os discursos que perpassaram a produção dos significados geossemióticos.

REFERÊNCIAS

JEWITT, Carey. **Multimodality and Literacy in Schools Classrooms**. Disponível em: <http://rre.sagepub.com/cgi/content/full/32/1/241> Acesso em: 31 de Maio de 2014.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. New York: Arnold, 1994.

KRESS, Gunther. **Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text.** In SNYDER, Llana; JOYCE, Michael. Page to screen: taking literacy into the electronic era. London: Routledge, 1998.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEEN; Theo. **Reading images: the grammar of visual design.** New York: Routledge, 2008.

MATTHIESSEN, M.I.M; HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar.** New York: Arnold, 2004.

MILA, Ariosto. **O Edifício.** São Paulo: FAUUSP, 1987.

NASCIMENTO, Roseli; BEZERRA, Fábio; HEBERLE, Viviane. **Multiletramentos: iniciação à análise de imagens.** Linguagem e Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 529-552, jul/dez. 2001.

O'TOOLE, Michael. **Opera Ludentes: the Sydney Opera House at work and play.** In O'HALLORAN, Kay. Multimodal Discourse Analysis: Systemic Functional Perspectives. London/New York: Continuum, 2004.

RAVELLI, Louise J; STENGLIN, Maree. **Feeling space: interpersonal communication and spatial semiotics** In ANTOS, G; VENTOLA, E. Interpersonal Communication Handbook of Applied Linguistics, Volume 2 Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

RAVELLI, Louise J. **Museum Texts: Communication Frameworks.** London and New York: Routledge, 2006.

VIVAN, Élide Garcia Silva. **Interação e discurso: uma visão da linguística sistêmico-funcional.** In FERNÁNDEZ, Delia; GHIO, Elsa. El discurso em español y português: estudos desde uma perspectiva sistêmico-funcional. Santa Fe: Universidad Nacional Del Litoral, 2010.

ZAMPIERI, Renata. **Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

Erick Kader CALLEGARO

Possui graduação em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pelo Centro Universitário Franciscano (2011). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente com as seguintes teorias: Linguística

Sistêmico-Funcional, Teoria da Avaliatividade e Análise Crítica do Discurso. Atualmente, é mestrando da Universidade Federal de Santa Maria, no Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguagem no Contexto Social.

Noara Bolzan MARTINS

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente, pesquisadora na área de Estudos Linguísticos, na mesma instituição. Tem experiência na área de estudos culturais e linguísticos, com ênfase em Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso, Teoria Multimodal, atuando principalmente em temas como: linguagem, análise de gênero textual, análise crítica do discurso, linguística e produção textual.

Carla Callegaro Corrêa KADER

Possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Inglês pelo Centro Universitário Franciscano (1989) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2005), doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é professora do Instituto Federal Farroupilha, campus de São Vicente do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino, leitura e produção textual, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa e portuguesa, leitura, produção textual, gênero textual, análise do discurso, letramento e tradução.